

O ARQUIVO DE CARTAS DE FRIEDRICH RATZEL: DIÁLOGOS E CONTROVÉRSIAS SOBRE DARWINISMO E GEOGRAFIA ENTRE A. HETTNER, A. PENCK, E. HAECKEL G. GERLAND, F.V. RICHTHOFEN E M. WAGNER

INTRODUÇÃO

A magnitude da trajetória de Friedrich Ratzel na Geografia está registrada na imensa quantidade de publicações como livros, artigos e resenhas nas mais variadas revistas e periódicos. Desde o último quartel do século XIX, sua obra ficou caracterizada pelo rótulo *Anthropogeographie* – uma expressão que sobressai aos domínios acadêmicos das ciências naturais para se tornar de domínio geral do pensamento científico. De forma análoga podemos citar a popularização do termo *Lebensraum* - inicialmente cunhado por J.G. Herder (1744-1803) – que adquire outro patamar de significado a partir dos trabalhos de Ratzel sobre *Volkerkunde* e migrações.

Por mais que estas expressões permitam ao leitor um caminho seguro nos textos e conexões com toda a parte política dos seus escritos, variadas faces de Ratzel acabariam ficando desconhecidas para o público científico de modo geral. Na geografia brasileira, uma longa tradição de traduções como as realizadas por MORAES (1990), CARVALHO (1999), ARANTES (2019 a 2019b 2019 c), MARTINS (2001), SOUZA E REICHENHEIM (2016) oferecem uma amostra qualitativa das principais obras do autor em tela. No entanto, são nas traduções de SEEMANN (2019) e SEEMANN E OLIVEIRA (2021) em que as provocações a respeito de outras diretrizes de estudo se tornam mais explícitas:

“... existem outras faces do “enigma” Ratzel (SEEMANN, 2012) menos conhecidas ou mesmo esquecidas, que se revelam nos seus escritos mais curtos. Até agora, os estudos sobre Ratzel tendiam a se concentrar nas suas obras mais vultosas e não nas contribuições menos monumentais. O exame desses textos menores (no sentido do seu tamanho, não pela sua importância) ajudaria a produzir um retrato mais completo do geógrafo alemão, levando-se em conta que muitos estudos procuraram inserir Ratzel apenas no contexto político-econômico e cultural da sua época e em relação ao presente. Ratzel é predominantemente estudado a partir do seu contexto histórico e não como pessoa..”

Após um expressivo aumento do interesse na obra de Ratzel nos últimos anos a exemplo da tradução dos seus textos marginais como “País e Paisagem na Alma do povo americano” (2019) e “A Geografia mora nos detalhes e no todo” (2021), resolvemos juntar nossos esforços nesta tarefa de desvendar as faces ocultas por trás da grande obra. Ao invés de destrinchar a parte teórica da obra e outros escritos periféricos, resolvemos dedicar atenção a um acervo, até então não muito estudado, das correspondências de Friederich Ratzel. Inicialmente resolvemos nos dedicar as cartas do acervo Ratzeliana da Bayerische Staatbibliothek na cidade de Munique. Até pela quantidade do material disponível divididos entre caixas e pastas, torna-se necessário uma delimitação entre interlocutores dentro dos âmbitos acadêmicos da Geografia para extrair informações qualitativas para a pesquisa em curso. Desta maneira elencamos dentro da História da Geografia quais seriam aqueles autores cujas teorias e perspectivas proporcionaram no final do século XIX rupturas e novos direcionamentos no “fazer Geografia” na época de Ratzel.

Assim, chegamos aos autores elencados no título nesta pesquisa. Primeiramente com Alfred Hettner, definido por (SCHULTZ 2017, p. 69) como o “limpador de templos” e herdeiro da herança intelectual de Carl Ritter. O segundo autor em questão seria Albrecht Penck, importante representante da Geologia e Climatologia dentro da Geografia em finais do século XIX e primeira metade do século XX e pai do seu filho prodígio Walter Penck, conhecido principalmente pelo ponto de vista mobilista na contra-teoria davisiana do ciclo da erosão. O terceiro autor, Georg Gerland traz no bojo de suas reflexões teóricas acerca da geografia o que Schultz (2017) definiria como “proposta inaceitável” para a geografia acadêmica, que seria reestruturá-la a partir do cerne da geofísica. Ferdinand von Richthofen, conhecido pelas intersecções entre Geografia e Geomorfologia e Moritz Wagner e a teoria sobre migrações.

METODOLOGIA

Os dois acervos de correspondências que compõem material primário desta pesquisa são a coleção da Staatsbibliothek em Munique e acervo do Länderkundeinstitut em Leipzig. Para balizar as referências e compilações do acervo ratzeliana utilizaremos a obra “Friedrich Ratzel: Leben und Werk eines deutschen Geographen: 1844-1904” de Günther Buttmann. O autor faz não só referências ao acervo, mas também um esforço de desvendar determinadas dimensões da personalidade do Ratzel, disponibilizando cartas, passagens de obras, relatos, experiências e uma trajetória biográfica de caráter pessoal. Em relação as cartas obtidas neste

primeiro momento na BSB München, fica evidente a dificuldade de se trabalhar com o Sütterlin de meados do século XIX.

Este modelo de escrita remonta a Inglaterra do século XIX, onde o desenvolvimento de uma nova caneta tinteiro na forma de uma pena de aço pontiaguda possibilitou contornos mais rebuscados na caligrafia. A origem deste estilo era a caligrafia cursiva inglesa com suas ascendentes e descendentes sinuosas que a partir de 1911 seria batizada pelo artista gráfico berlinense Ludwig Sütterlin com o seu próprio nome. A sua realização seria apontada como a grande invenção do século no campo da escrita por realizar uma reestruturação do alemão cursivo e acompanhar também de forma paralela o desenvolvimento do latim cursivo. Embora as cartas do acervo ratzeliana utilizadas nesta pesquisa sejam de antes de 1911, o padrão da caligrafia analisado corresponde em grande parte ao alfabeto tanto em maiúscula e minúsculas com o padrão de fonte Sütterlin. As diferenças encontradas – como em Moritz Wagner – devem se as especificidades de caligrafia de cada autor.

A partir deste problema esquematizamos o seguinte processo para o trabalho com as cartas:

- a) Primeiramente realizamos uma primeira triagem na Bayerische Bibliothek com uma tabela da caligrafia Sütterling a partir das cartas dos autores citados no título desta pesquisa. Este primeiro levantamento visa selecionar as cartas de maior discussão teórica a partir das palavras-chaves como: antropogeografia, darwinismo, espaço, geografia, geologia e geomorfologia.
- b) As cartas que apresentaram discussões teóricas substanciais foram direcionadas para o departamento de escaneamento da BSB e a partir dos materiais recebidos em formato de imagem jpg pudemos preparar para o formato de leitura do software Transkribus

Idealizado e concebido pela Universidade de Innsbruck na Alemanha, a plataforma do Software Transkribus foi concebida a partir do projeto da União Europeia Tran Scriptorium e Read. Esta ferramenta permite o reconhecimento do texto análise de imagens e reconhecimento de estruturas de documentos históricos. Na terceira etapa desta pesquisa realizamos a conversão - via Transkribus - de um texto em Sütterlin para o alemão cursivo atual.

Um terceiro acervo que se relaciona com esta pesquisa encontra-se na Ernst Haeckel Haus em Jena. Importante expoente do Darwinismo na Europa e principal difusor das idéias de Charles Darwin na Prússia/Alemanha do século XIX – Ernst Haeckel gozava de grande apreço dentro das ciências naturais nos meios acadêmicos alemães. Na visita ao seu acervo foram encontradas correspondências trocadas não só com Friederich Ratzel mas também com Ferdinand von Richthofen e com sociedades geográficas e instituições ao redor do mundo, como o gabinete português de leitura e o Museu Nacional no Rio de Janeiro. Estas cartas foram devidamente escaneadas e anexadas a esta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Hanno Beck o termo Geografia Explorativa apareceria nos debates teóricos da geografia já nos meados do século XIX sobretudo nas pesquisas continentais que estavam direcionadas para fora da europa (BECK 1980, p.64). O termo abarcaria particularmente as observações pessoais tomadas com o objetivo de uma representação cartográfica. Observações gerais seriam encontradas nessa época apenas como pano de fundo e não encontrariam lugar nos periódicos de geografia, que seriam os principais representantes de uma geografia científica (*wissenschaftliche Erdkunde*) (WAGNER 1878, p. 552). O grande interesse nessa época era a apresentação de resultados, principalmente através de uma literatura científica popular. Herman Wagner caracteriza este período como uma mistura de “falta de senso crítico” e de “certeza apodítica” (WAGNER 1878 p.552 apud SCHULTZ 1980 p.64). No entanto, na geografia, as revistas ainda eram esporádicas, de modo que era difícil denominar quem seriam os “geógrafos” da época. Um comentário comum era o de que um autor de geografia receberia muito menos solicitação para produzir do que os das demais disciplinas. Ele também observa que embora o grande público gostasse de geografia, a sua opinião seria ambígua pois a grande atenção dada pelo público não funcionaria como um incentivo para um estudo mais aprofundado e sério. Wagner vê a falta de professores universitários de geografia como uma razão para isso. Este seria um fator de forte influência negativa sobre a qualidade do trabalho, pois ninguém receberia pressões *ex officio* para pensar na estrutura metodológica de sua ciência. Fundamentalmente já se poderia ser considerado um especialista quem tivesse lido uma obra (em geografia) ou fosse conhecido como um promotor da expansão da geografia. Löffler também iria avançar sobre esta crítica quando ele nos conta que o diletantismo reinaria não só nos manuais e nas escolas, mas

em certa medida também nas sociedades geográficas (LÖFFLER 1881,p.2 apud SCHULTZ, p. 65). A aventura de viagem e o percurso histórico da viagem são colocados em primeiro plano como negligência do rendimento científico e da mesma maneira que um amador é um “geógrafo de nascença” assim como todo persa é bom cavaleiro por nascimento e se considera bom o suficiente para oferecer seus ensinamentos, as obras mais superficiais apareceriam não só em grandes quantidades, mas também, mais do que em qualquer área científica, seria capaz de ganhar menções honrosas. A Geografia encontrava se em uma posição incomoda, ou pelo menos era assim, que os seus representantes visualizavam o problema. De um lado, uma grande compilação de material científico e de outro lado, não havia condições de processar de forma significativa estes novos conhecimentos. Apesar da convicção de que a geografia era supérflua, ela recebeu suas próprias cadeiras universitárias na “era Petermann” (SCHULTZ 1980, p. 65). A sua utilidade seria reforçada por Hettner, principalmente pelo desenvolvimento político econômico do recém fundado império alemão da época. Sobre este fato ele comenta: O desenvolvimento do tráfego mundial, a economia mundial, a política mundial na era do vapor, à qual a revelação da África Interior e da Ásia Central, bem como das regiões polares, está ligada, são as etapas mais importantes da história mundial e, ao mesmo tempo, as etapas mais importantes do desenvolvimento da geografia.

O grande interesse pela geografia aumentaria no bojo do processo das transformações político-econômicas da segunda metade do século XIX com o devido destaque para a fundação do império alemão. Os professores universitários seriam formados sobre esta demanda do desenvolvimento político. (BECK 1957, p.1) Esta dedução apontada por Hanno Beck, deve-se ao fato de que as universidades resistiram à nova disciplina. Este desenvolvimento não seria visto com bons olhos nas universidades como nos conta Löffler: A Geografia chegou as universidades como resultado das demandas externas da época e não como resultado dos desejos das próprias universidades”. Em outras palavras: a geografia no contexto acadêmico era claramente dominada por fatores externos à ciência. Ela espelhava os anseios político-pedagógicos oriundos dos políticos e não dos cientistas. Schultz (1968) nos conta o que seria o debate da câmara dos deputados da Prússia em 9 de marco de 1875: de um lado o ministério solicita que a expansão da geografia atenda a uma melhora da educação, especialmente no treinamento de professores em vez de contribuições científicas relevantes. Por outro lado, a expansão da geografia seria criticada como um declínio da formação universitária. Schultz (1980) cita o relato de Mommsen, onde ele aponta “que as universidades estejam gradativamente se transformando em uma atendente para todos os gostos” (Berichte 1875,

606 Por este viés, ele só conseguia imaginar a geografia em conjunto com a história (especialmente com a ciência política e com a estatística). Rudolf Virchow também defenderia uma opinião parecida. Ele externa seus anseios de que a universidade se torne uma “grande instituição de ensino popular” (Report 1875, 595f) Sua recomendação, não era estabelecer cadeiras plenas de geografia para compensar a falta de educação, mas remediar essa deficiência por meio do estudo autônomo, poque “a geografia que (...está faltando no ensino das escolas primárias e secundárias pode ser aprendida perfeitamente por qualquer pessoa a partir de bons manuais (...) sem ser especialmente preparada para isso”.(Berichte 1875,p.611 apud SCHULTZ 1980, p.67).

Argumentos desta natureza fortaleceram a impressão entre os geógrafos de que “a compreensão e os frutos das obras de Humboldt e Ritter para a formação dos círculos acadêmicos foram praticamente perdidos” (OBERLÄNDER 1876, p.265). Ele consideraria inadequada a oposição ao estabelecimento das cátedras de geografia apenas pelo argumento de que faltariam pessoas adequadas para tal. Mais adiante ele defenderia:” Sem dúvida(...) os professores (universitários) terão de ser escolhidos da escola de Carl Ritter, porque somente no sentido desta escola a geografia forma uma ciência independente”.

Em relação as subdivisões da geografia, ou as suas partes individuais enquanto ciência natural, “não haveria a necessidade de disciplinas separadas, pois isto já seria feito por astrônomos, físicos e demais professores de ciências naturais descritivas” (OBERLÄNDER 1876, p.245.) Ele ainda completaria: “Os verdadeiros alunos de Ritter (...) provavelmente serão poucos e distantes entre si e muito poucos deles terão continuado a se dedicar à geografia” (OBERLÄNDER 1876, p.264). Apesar de Oberländer tratar os professores de escola como “verdadeiros geógrafos”, H. Wagner defenderia que estes representantes, embora anunciados como o “novo”, “na verdade mostrariam de maneira mais obvia, pela ingenuidade da abordagem e das propostas (...) que os autores não têm nem mesmo o conhecimento mais superficial da literatura (em geografia)”(H. Wagner 1878, p.554 apud SCHULTZ 1980 p.67)

Oberländer poderia também facilmente ter se convencido disso, já que este tópico também foi tratado no Geographisches Jahrbuch, publicado desde 1866. A questão era, repetidamente, como a “aparência da geografia como uma disciplina independente poderia ser mantida se apenas pessoas de fora da disciplina pudessem opinar em seus relatórios de pesquisa. (Plewe 1960, p.18). Oberländer contava com geólogos, botânicos, zoólogos, estatísticos, etnógrafos e



antropólogos entre eles. No final, no entanto, foi preciso recorrer a esses grupos, pois “quase não havia geógrafos especializados (...) então nos vimos na posição de recorrer às áreas fronteiriças da geografia e tirar delas a equipe de professores que não era possível encontrar em uma ciência que lutava pela autodeterminação interna” (GÜNTHER 1911, p.12)

Desta maneira, historiadores, filólogos, matemáticos, físicos e “historiadores naturais” assumiram a responsabilidade pelas geografias científicas e por uma nova autoimagem geográfica que não existia antes. Desse ponto em diante, havia a obrigação de delimitar as ciências vizinhas da essência da geografia, e, ao mesmo tempo, criar diretrizes de acordo com as quais a atividade da geografia pudesse ser ordenada e classificada (GÜNTHER 1911, p.12 apud SCHULTZ 1980, p.68)

A outra etapa deste processo seria agora a busca intensiva para dar à geografia uma essência, e seria inicialmente conduzida pelas ciências naturais: “O caráter da nova era é o surgimento do conhecimento e do pensamento científico, e isso deve necessariamente se refletir na geografia científica e em seu método” (RICHTHOFEN 1883, p.47 apud SCHULTZ 1980, p.68) Assim, surgiu uma grande polemica entre os colegas cientistas quando Peschel, um advogado de profissão e, mais tarde, jornalista “com uma certa percepção de que o clima intelectual havia mudado” assumiu sua luta contra a teleologia de Carl Ritter.

A teleologia geográfica de Ritter dava margem para a interpretação de que os espaços da Terra foram, por assim dizer, moldados e ordenados de acordo com uma predestinação e, desde então, o que costumava ser chamado de África, América, Austrália, chegou até a nós como personalidades misteriosas ou nós, grandes indivíduos, de acordo com a expressão profunda de Ritter, aproximaram-se com um partidarismo desenfreado. De acordo com sua tese, cada país deveria ser considerado como um indivíduo com “poder moral” (SCHULTZ 1980, p. 69), que ao mesmo tempo assumia a “educação de suas criaturas e se a geografia conseguisse reconhecer a necessidade do que havia acontecido, ela também seria capaz de proclamar a ocorrência do que estava por vir com a sua capacidade de previsão” (SCHULTZ 1980, p.69)

Por isso a celebração pela maioria dos geógrafos quando Peschel assumiu a cadeira de geografia em Leipzig de 1869 a 1871 e ministrou sua aula inaugural sobre “os novos problemas da geografia comparada”. Alfred Kirchoff, que “inicialmente, em seu zelo sagrado pela regeneração do ensino escolar puramente histórico-geográfico, nunca perdia uma oportunidade

de celebrar em Peschel o “libertador do pesadelo opressivo” dos ultrareacionários pseudofilosóficos”, foi particularmente proeminente. (WAGNER 1878, p.575, KIRCHOFF 1875, p.839 apud SCHULTZ 1980, p.70). Alfred Hettner também se juntaria aos elogios, quando considera que Peschel iniciou um “novo período da ciência geográfica” (HETTNER 1898, p.314 apud SCHULTZ 1980, p.70) Sobre Peschel, ele escreveria ainda “O estímulo que ele (...)deu inflamou-se. Foi como uma chuva que cai num solo bom em si mesmo, mas ressequido, e faz brotar sementes maravilhosas. A geografia moderna teve aí sua origem; só agora se tornou uma ciência universitária na sua totalidade e agora também assumiu a luta pela escola” (HETTNER 1898, p.210 apud SCHULTZ 1980, p.70).

Albrecht Penck faria uma avaliação semelhante a de Hettner ao se utilizar da nova geografia quando Oskar Peschel levantou pela primeira vez os problemas teóricos da geografia. Nesta altura, a investigação em geografia começou a abordar o que tinha sido observado através do trabalho intelectual e, subsequentemente, tirar conclusões cuja exactidão era verificada através de novas observações. (PENCK 1929, p.21 apud SCHULTZ 1980, p.70).

Nesta nova etapa do desenvolvimento da Geografia universitária a obra de Moritz Wagner surge como um interessante elemento de transição. O geógrafo contemporâneo Hanno Beck vê o autor como um “Bindeglied” entre a tradição humboldtiana e a geografia de fato moderna. Assim como representantes daquela geografia explorativa de meados do século XIX, ele também era viajante e realizou suas pesquisas na América Central e no Equador. Moritz Wagner era considerado lamarckiano e brigaria por muito tempo com a teoria de Darwin. Por mais que ele tenha sido esquecido pela história da geografia, podemos observar pela quantidade de cartas trocadas com Ratzel no acervo Ratzeliana da Bayerische Stadtbibliothek, a magnitude de sua influência sobre o Ratzel no fim dos anos 1870. Wagner daria uma dimensão mais geográfica ao evolucionismo e inspiraria as ideias de Ratzel sobre migração e difusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Friedrich Ratzel é sem sombra de dúvidas um dos mais importantes e significativos cientistas alemães do final do século XIX, cuja obra também recebeu ressonâncias no público académico de fora da geografia. Um autor extremamente prolífico, pesquisador ágil e professor universitário de grande reputação, foi ativo principalmente no território ainda não explorado de uma geografia em processo de constituição académica como disciplina – nas fronteiras das

ciências naturais em expansão- entre as tradicionais humanidades e a realidade acelerada da política e dos interesses económicos. Esta pesquisa procura entender a posição de Ratzel no universo académico de sua época, especialmente os diálogos e controvérsias a respeito do recém estabelecido darwinismo no discurso científico. Devido a sua posição ter transitado em um espaço intermediário entre o lamarkismo e o darwinismo ao longo dos anos, este fato reforça ainda mais a necessidade desta investigação.

A análise das correspondências entre Friederich Ratzel, seus interlocutores na geografia e seu mentor e colega mais velho Ernst Haeckel pretende esclarecer a relação entre estas disciplinas suas diferenciações internas e propor novas apreciações do autor para além das leituras tradicionais deste período. A visão clássica de um Ratzel “renegado”, que irritado com a obra de Haeckel por sua variante de Darwinismo fez com que ele se afastasse de Darwin, de suas contribuições e também de uma ruptura teórica com Haeckel não é verdade de acordo com o conteúdo dos diálogos travados a partir da apreciação destas cartas. De forma diametralmente oposta, percebe-se muito mais um Ratzel de uma forma espontânea, cética e aberta ao invés de um suposto otimismo precipitado, com um anseio por profundidade de universalidade e um afastamento de quaisquer disputas teóricas ou ideológicas. Tradicionalmente a visão do Ratzel foi como um darwinista árduo que ao longo do tempo foi se inclinando a um opositor protestante do darwinismo de matrizes espiritualistas serve muito mais a um esquema teórico cuja base são algumas citações das obras ratzelianas tiradas fora de um contexto. O que pode ser aferido nas suas cartas é uma mistura de perspectivas darwinistas com conceitos holísticos pré-darwinistas a partir de uma síntese de tendências concorrentes dentro da geografia alemã como a da linha histórico-espírito-científicas e da tradição do reducionismo das ciências naturais através de um conceito biológico holista.

Palavras-chave: Darwinismo; Geografia; Ratzeliana; Haeckel; Explorativa; Geofísica

REFERÊNCIAS

BECK, H. 1957. Geographie und Reisen im 19. Jahrhundert. Petermanns Geographische Mitteilungen. 101 (1957), p.197-204.

BECK, H. 1979. Genius der Geographie. Berlin. Reimer



CARVALHO, M.B. 2010. Friedrich Ratzel (1844 –1904): “O insípido está sempre incorreto”. GEOgraphia, v. 12, n.23, p. 140-156.

_____. 2010. Sobre a interpretação da natureza. (Tradução de Marcos Bernardino de Carvalho) GEOgraphia, v.12, n.23, p. 157-176.

_____. 2016. Geografia política (prefácio) (Tradução de Marquessuel Dantas de Souza e Gabriel Reichenheim). GEOgraphia, v.18, n.37, p. 233-236.

_____. 2019a. O espaço da vida. Um estudo biogeográfico. Parte I. (Tradução de Leonardo Arantes). GEOgraphia, v.21, n.45, p. 107- 116

_____. 2019b. O espaço da vida. Um estudo biogeográfico. Parte II. (Tradução de Leonardo Arantes). GEOgraphia, v.21, n.46, p. 120-130

_____. 2019c. O espaço da vida. Um estudo biogeográfico. Parte III (Tradução de Leonardo Arantes). GEOgraphia, v.21, n.47, p. 115-129.

_____. 2019d. País e paisagem na alma do povo norte americano. (Tradução de Jörn Seemann). Espaço e Cultura, n.46, p. 147-166.

SEEMANN, J. 2012. Friedrich Ratzel entre tradições e traduções. Terra Brasilis (Nova Série), n.1. Disponível em: <https://journals.openediti on.org/terrabrasilis/180>. Acessado em: 26 dez. 2019.

SEEMANN, J.; PEDROSA, B.V. 2019. Friedrich Ratzel e a alma do povo da América do Norte. Espaço e Cultura, n.46, p. 137-146.

SEEMANN, J.; OLIVEIRA, R.D. 2021. A geografia mora nos detalhes e no todo. GEOgraphia. v.23, n.51, p. 1-12.

SCHULTZ. H.D. 1980. Die deutschsprachige Geographie von 1800 bis 1970. Ein Beitrag zur Geschichte ihrer Methodologie. Abhandlugen des geographischen Instituts Anthropogeographie, Band 29. Berlin

_____. H.D. 2017. Die deutschsprachige Geographie von 1800 bis 1970. Ein Beitrag zur Geschichte ihrer Methodologie. Böhler Verlag Würzburg.